

## VISÃO\*

A LUÍS DE ALVARENGA PEIXOTO<sup>1</sup>

Vi de um lado o Calvário, e do outro lado<sup>2</sup>  
O Capitólio, o templo-cidadela.  
E torvo mar entre ambos agitado,  
Como se agita o mar numa procela.

5 Pousou no Capitólio uma águia; vinha  
Cansada de voar.  
Cheia<sup>3</sup> de sangue as longas asas tinha;  
Pousou; quis descansar.

10 Era a águia romana, a águia de Quirino;<sup>4</sup>  
A mesma que, arrancando as chaves ao destino,  
As portas do futuro abriu de par em par.  
A mesma que, deixando o ninho áspero e rude, →

---

\* Esta edição do poema “Visão” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 31-34), PC1937 (p. 195-197), PC1953 (p. 217-219), OCA1959 (v. III, p. 222-223), PCEC1976 (p. 316-318), OCA1994 (v. III, p. 208-209), TPCL (p. 102-104), PCRR (p. 336-338) e OCA2015 (v. 3, p. 634-636). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Galante de Sousa informa que este poema foi reproduzido no *Curso de literatura brasileira*, de Melo Moraes Filho (Rio de Janeiro, 1870, p. 195-197), transcrição que não foi utilizada nesta edição. Não localizamos o poema na terceira edição dessa obra.

<sup>1</sup> Luís de Alvarenga Peixoto] Luís Alvarenga Peixoto – em OCA1994. Sobre Luís de Alvarenga Peixoto, diz Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis*: “Jornalista, poeta e historiador, Peixoto (Rio de Janeiro, 1836 – Lisboa, 1876) foi um dos que se entusiasmaram com o talento do jovem Machado, seu companheiro de redação na *Semana Ilustrada*. No número 10 de janeiro de 1869 desta revista, onde colaborava com o pseudônimo de Luiz d’Alva, dedicou a Machado a poesia ‘O Gênio’, com os seguintes dizeres: ‘Qual vaga que murmura as vibrações harmônicas, / que vem do alto-mar na voz da viração, / ao bardo de Corina, ao poeta das *Crisálidas*, / saúda jubiloso o mais obscuro irmão.’ Machado retribuiu a gentileza, oferecendo a Peixoto a poesia ‘Visão’, que figura em *Falenas*.” (MACHADO, 2008, p. 261-262) O poema “O gênio”, de Luís de Alvarenga Peixoto, pode ser encontrado neste número da *Machadiana Eletrônica*, na seção “Outras Edições”.

<sup>2</sup> lado] lado, – em PCEC1976 e em TPCL.

<sup>3</sup> Parece haver, aqui, erro de concordância: “cheia” está por “cheias”.

<sup>4</sup> Os dois hemistíquios deste verso configuram um pleonasmo – o que aviva a elocução. Quirino é um deus antiquíssimo, que, com Júpiter e Marte, formava a tríade cultuada em Roma no tempo de sua fundação. (Cf. KURY, 1999, p. 344) Neste verso, por metonímia, está identificado com a cidade, de modo que águia de Quirino é o mesmo que águia romana.

Fez do templo da força o templo da virtude,  
E lançou, como emblema, a espada sobre o altar.

15 Então, como se um deus lhe habitasse as entranhas,  
A vitória empolgou, venceu raças estranhas,  
Fez de várias nações um só domínio seu.  
Era-lhe o grito agudo um tremendo rebate.  
Se caía, perdendo acaso um só combate,  
20 Punha as asas no chão e remontava Anteu.<sup>5</sup>

Veze três, respirando a morte, o sangue, o estrago,<sup>6</sup>  
Saiu, lutou, caiu, ergueu-se... e jaz Cartago;  
É ruína; é memória; é túmulo. Transpõe,  
Impetuosa<sup>7</sup> e audaz, os vales e as montanhas.  
25 Lança a férrea cadeia ao colo das Espanhas.<sup>8</sup>  
Gália vence; e o grilhão a toda Itália põe.

Terras d'Ásia invadiu,<sup>9</sup> águas bebeu do Eufrates,  
Nem tu mesma fugiste à sorte dos combates,  
Grécia, mãe do saber. Mas que pode o opressor,  
30 Quando o gênio sorriu no berço de uma serva?  
Palas despe a couraça e veste de Minerva;  
Faz-se mestra a cativa; abre escola ao senhor.

Agora, já cansada e respirando a custo,  
Desce; vem repousar no monumento augusto.<sup>10</sup>  
35 Gotejam-lhe inda<sup>11</sup> sangue as asas colossais.  
A sombra do terror assoma-lhe à pupila.  
Vem tocada das mãos de César e de Sila.<sup>12</sup>  
Vê quebrar-se-lhe a força aos vínculos mortais.

---

<sup>5</sup> Este verso realiza, em seus dois hemistíquios, uma antítese: opõe “as asas no chão” a “remontava Anteu” – isto é, elevava Anteu nos ares, o que o deixava sem forças (maneira pela qual foi derrotado por Hércules ou Hércules). Anteu era um gigante que vivia na Líbia, filho de Poseidon e Gaia, a Terra – por isso, enquanto estivesse em contato com o chão, era invencível. (Cf. KURY, 1999, p. 34)

<sup>6</sup> estrago.] estrago – em PC1937; estrago; – em TPCL.

<sup>7</sup> Impetuosa] Impetuosa, – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

<sup>8</sup> Espanhas: os cosmógrafos antigos dividiam a Península Ibérica em três partes, ou três Espanhas: *Hispania Betica*, *Hispania Tarraconensis*, *Hispania Lusitânica*. A Espanha Bética compreende as duas Castelas; a Espanha Tarraconense é Aragão (que de Tarragona passou a Aragona); a Espanha Lusitânica é Portugal, que, de Luso, passou a chamar-se Lusitânia. Ver: VIEIRA, 1959, t. VII, p. 398.

<sup>9</sup> invadiu.] invadiu – em PC1937.

<sup>10</sup> augusto.] augusto – em PC1937.

<sup>11</sup> inda] ainda – em OCA1994.

<sup>12</sup> César e Sila: Sila (c.138-78 a.C.) foi general e ditador romano, conquistou a Grécia; Júlio César (c.100-44 a.C.) também foi general e ditador, conquistou a Gália.

40 Dum lado e de outro lado,<sup>13</sup> azulam-se  
Os vastos horizontes;  
Vida ressurgue esplêndida  
Por toda a criação.  
Luz nova, luz magnífica  
Os vales enche e os montes...  
45 E além,<sup>14</sup> sobre o Calvário,  
Que assombro! que visão!<sup>15</sup>

Fitei o olhar. Do píncaro  
Da colossal montanha  
Surge uma pomba, e plácida  
50 Asas no espaço abriu.<sup>16</sup>  
Os ares rompe, embebe-se  
No éter de luz estranha:<sup>17</sup>  
Olha-a minha alma atônita  
Dos céus a que subiu.

55 Emblema audaz e lúgubre,  
Da força e do combate,  
A águia no Capitólio  
As asas abateu.  
Mas voa a pomba, símbolo  
60 Do amor e do resgate,  
Santo e apertado vínculo  
Que a terra prende ao céu.<sup>18</sup>

Depois... Às mãos de bárbaros,  
Na terra em que nascera,  
65 Após sangrentos séculos,  
A águia expirou; e então<sup>19</sup>  
Desceu a pomba cândida<sup>20</sup>  
Que marca a nova era,  
Pousou no Capitólio,  
70 Já berço, já cristão.

---

<sup>13</sup> de outro lado,] de outro, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL. Este é o único verso octossílabo, nessas estrofes finais de versos hexassílabos. Essa irregularidade, provavelmente, explica a variante – que resultou de “correção” por parte dos editores.

<sup>14</sup> E além,] E, além, – em PC1953, PCEC1976 e em TPCL.

<sup>15</sup> que visão!] Que visão! – em OCA1994.

<sup>16</sup> abriu.] abriu, – em PC1937.

<sup>17</sup> estranha:] estranha; – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

<sup>18</sup> Em OCA1994, depois deste verso, não há espaço de separação de estrofes.

<sup>19</sup> então] então, – em TPCL.

<sup>20</sup> cândida] cândida, – em TPCL.

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

- FAL1870 – *Falenas*, 1870.  
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.  
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.  
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.  
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.  
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.  
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.  
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.  
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### **Referências**

- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MORAIS FILHO, Melo. *Curso de literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1895].

VIEIRA, Antônio. Sermão da Rainha Santa Isabel. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959. t. VII. p. 385-411.